



PUC - Rio

VESTIBULAR 2012

1º DIA
TARDE
GRUPOS
1, 3 e 4

Novembro / 2011

PROVAS OBJETIVAS DE BIOLOGIA E DE LÍNGUA ESTRANGEIRA PROVAS DISCURSIVAS DE PORTUGUÊS E LITERATURA BRASILEIRA E DE REDAÇÃO

LEIA ATENTAMENTE AS INSTRUÇÕES ABAIXO.

- 01 - Você recebeu do fiscal o seguinte material:
- este Caderno, com o enunciado das 10 questões objetivas de **BIOLOGIA**, das 10 questões objetivas de **LÍNGUA ESTRANGEIRA**, e das 5 questões discursivas de **PORTUGUÊS e LITERATURA BRASILEIRA**, sem repetição ou falha, e o **tema da Redação**;
 - um **CARTÃO-RESPOSTA**, com seu nome e número de inscrição, destinado às respostas das questões objetivas formuladas nas provas de **BIOLOGIA** e de **LÍNGUA ESTRANGEIRA** (conforme opção na inscrição) grampeado a um Caderno de Respostas, contendo espaço para desenvolvimento das respostas às questões discursivas de **PORTUGUÊS e LITERATURA BRASILEIRA** e à folha para o desenvolvimento da **Redação**.
- 02 - Verifique se este material está em ordem e se o seu nome e número de inscrição conferem com os que aparecem no **CARTÃO-RESPOSTA**. Caso contrário, notifique **IMEDIATAMENTE** ao fiscal.
- 03 - Após a conferência, o candidato deverá assinar, no espaço próprio do **CARTÃO-RESPOSTA**, a caneta esferográfica transparente de tinta na cor preta.
- 04 - No **CARTÃO-RESPOSTA**, a marcação das letras correspondentes às respostas certas deve ser feita cobrindo a letra e preenchendo todo o espaço compreendido pelos círculos, a **lápiz preto nº 2** ou **caneta esferográfica transparente de tinta na cor preta**, de forma contínua e densa. A LEITORA ÓTICA utilizada na leitura do **CARTÃO-RESPOSTA** é sensível a marcas escuras, portanto, preencha os campos de marcação completamente, sem deixar claros.
- Exemplo: (A) ● (C) (D) (E)
- 05 - Tenha muito cuidado com o **CARTÃO-RESPOSTA**, para não o **DOBRAR, AMASSAR ou MANCHAR**. O **CARTÃO-RESPOSTA** somente poderá ser substituído se, no ato da entrega ao candidato, já estiver danificado em suas margens superior e/ou inferior - **BARRA DE RECONHECIMENTO PARA LEITURA ÓTICA**.
- 06 - Para cada uma das questões objetivas são apresentadas 5 alternativas classificadas com as letras (A), (B), (C), (D) e (E); só uma responde adequadamente ao quesito proposto. Você só deve assinalar **UMA RESPOSTA**: a marcação em mais de uma alternativa anula a questão, **MESMO QUE UMA DAS RESPOSTAS ESTEJA CORRETA**.
- 07 - As questões são identificadas pelo número que se situa acima de seu enunciado.
- 08 - **SERÁ ELIMINADO** do Concurso Vestibular o candidato que:
- se utilizar, durante a realização das provas, de máquinas e/ou relógios de calcular, bem como de rádios gravadores, *headphones*, telefones celulares ou fontes de consulta de qualquer espécie;
 - se ausentar da sala em que se realizam as provas levando consigo este Caderno de Questões e/ou o Caderno de Respostas e/ou o **CARTÃO-RESPOSTA**;
 - não assinar a Lista de Presença e/ou o **CARTÃO-RESPOSTA**.
- Obs.** O candidato só poderá se ausentar do recinto das provas após **30 (trinta) minutos** contados a partir do efetivo início das mesmas.
- 09 - Reserve os 30 (trinta) minutos finais para marcar seu **CARTÃO-RESPOSTA**.
- 10 - Quando terminar, entregue ao fiscal o **CARTÃO-RESPOSTA** grampeado ao **CADERNO DE RESPOSTAS** e à folha com o desenvolvimento da **Redação** e este **CADERNO DE QUESTÕES e ASSINE a LISTA DE PRESENÇA**.
- 11 - **O TEMPO DISPONÍVEL PARA ESTAS PROVAS DE QUESTÕES OBJETIVAS E DISCURSIVAS É DE 4 (QUATRO) HORAS.**

NOTA: Em conformidade com a legislação em vigor, que determina a obrigatoriedade do uso das novas regras de ortografia apenas a partir de 31 de dezembro de 2012, o candidato poderá optar por utilizar uma das duas normas atualmente vigentes.

BOAS PROVAS!

BIOLOGIA

1

Um cladograma é uma árvore filogenética que representa a genealogia das espécies considerando a evolução dos organismos a partir de um ancestral comum. Até recentemente, as plantas com flores (angiospermas) eram classificadas em monocotiledôneas e dicotiledôneas. Em consequência da aplicação dos novos conhecimentos científicos da Biologia Molecular, Genética, Embriologia, Anatomia, entre outras áreas, os táxons foram reorganizados. O grupo dicotiledônea, por não ser monofilético, foi desmembrado em eudicotiledôneas e diversos outros grupos. O cladograma apresentado ao lado apresenta a estruturação atual dos grupos taxonômicos de angiospermas (APG III, 2009).

Considerando esta árvore, analise as seguintes afirmações:

- I - Utilizando a terminologia da Cladística, monocotiledôneas formam um grupo polifilético nesse cladograma;
- II - Utilizando a terminologia da Cladística, eudicotiledôneas formam um grupo monofilético nesse cladograma;
- III - Com base na Nomenclatura Botânica, os nomes nos terminais nesse cladograma são espécies;
- IV - Com base na Nomenclatura Botânica, os nomes nos terminais nesse cladograma são ordens e famílias.

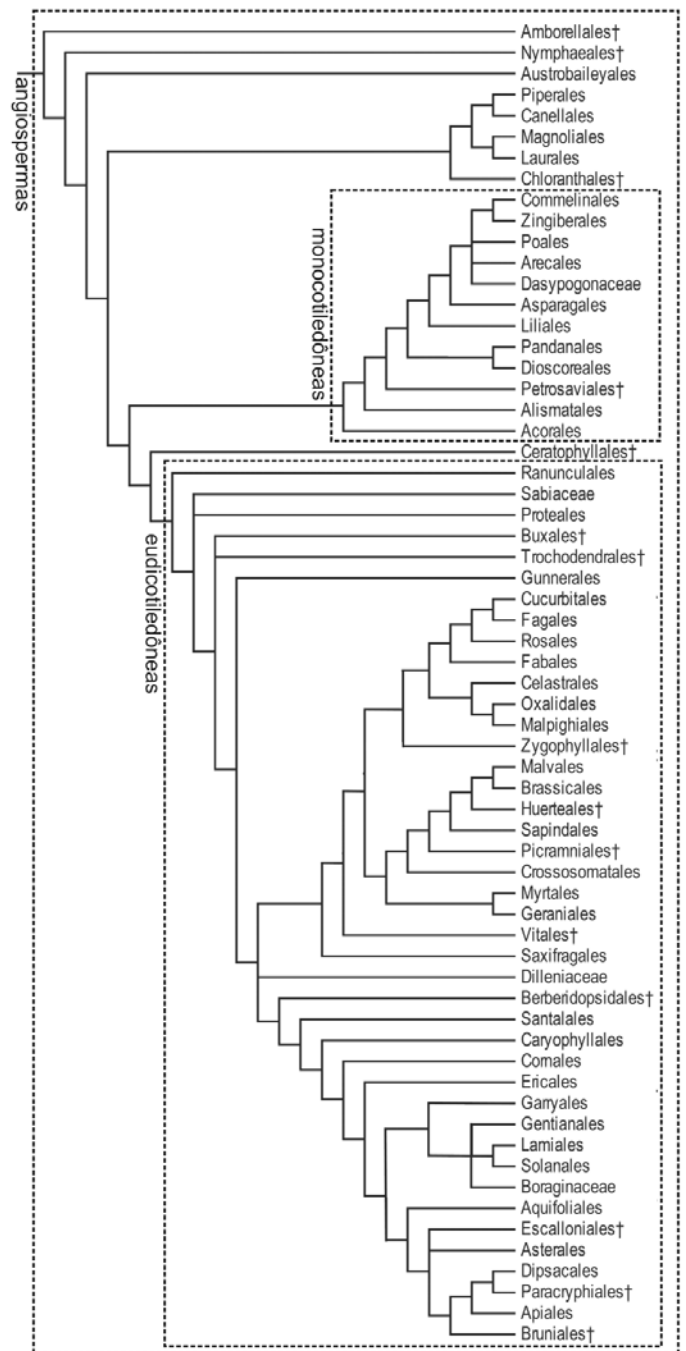
De acordo com sua avaliação:

- (A) apenas I e II estão corretas.
- (B) apenas I e III estão corretas.
- (C) apenas II e IV estão corretas.
- (D) apenas III e IV estão corretas.
- (E) todas as afirmativas estão corretas.

2

Atualmente um dos principais temas apresentados na mídia é a mudança climática global vinculada ao aumento de gás carbônico atmosférico. E uma das principais maneiras de mitigação deste problema seria o sequestro de carbono pelas plantas especialmente pelas espécies arbóreas. Que processo fisiológico realizado pelas plantas captura o carbono atmosférico?

- (A) Respiração.
- (B) Absorção de nutrientes pela raiz.
- (C) Expressão gênica.
- (D) Fotorespiração.
- (E) Fotossíntese.



3

O projeto genoma humano fez uma estimativa do número de genes em um ser humano como sendo em torno de 30.000, sendo que cada gene tem uma extensão média de aproximadamente 5.000 nucleotídeos. No entanto, parte do genoma humano é formada por DNA não-codificador.

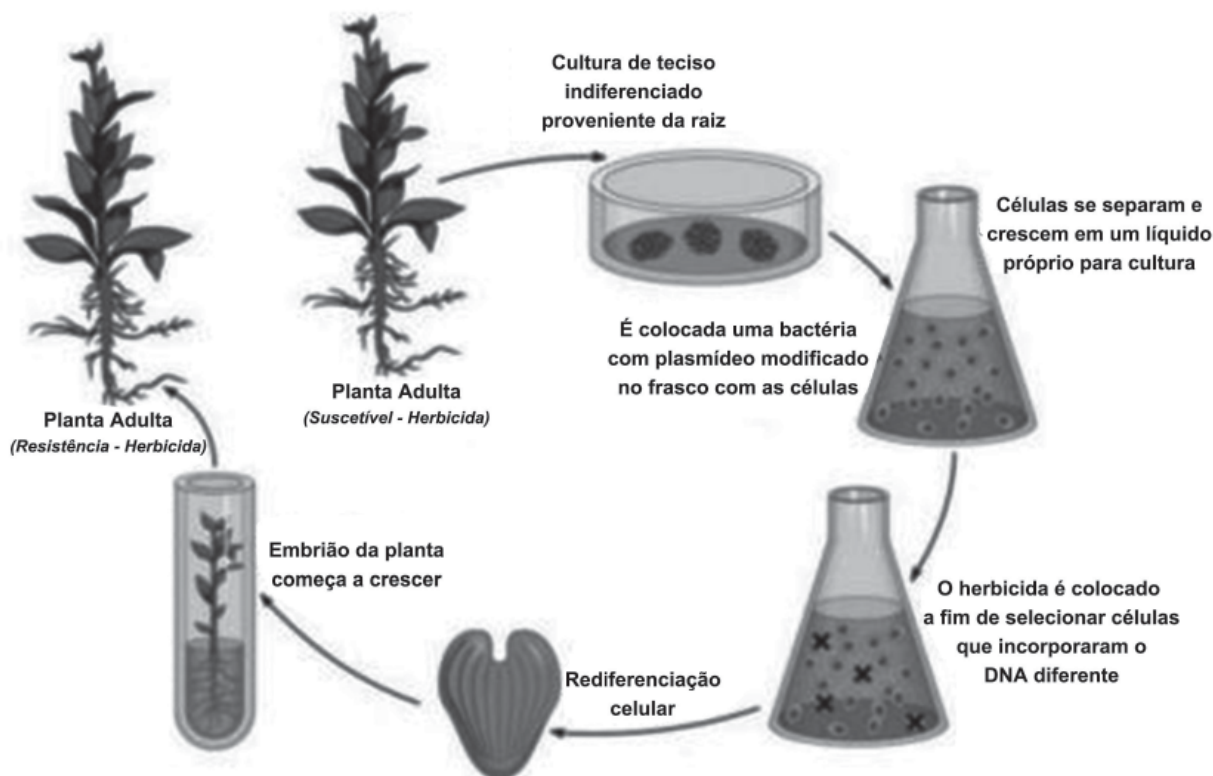
Sobre o DNA não-codificador, é **incorreto** afirmar que:

- (A) ele não codifica proteínas ou moléculas que controlam a produção de proteínas.
- (B) ele é constituído em parte por sequências nucleotídicas repetidas.
- (C) ele é tratado por alguns pesquisadores como DNA-lixo ou DNA sem função.
- (D) ele pode possuir apenas função estrutural.
- (E) ele constitui a menor parte do genoma humano.

4

A figura abaixo mostra como o DNA de uma determinada planta foi modificado de maneira que ela se tornasse resistente a um herbicida.

Modificação do DNA da Planta para torná-la resistente ao herbicida



Fonte: <http://nutriteengv.blogspot.com/2010/11/alimentos-transgenicos-os-pros-e-os.html>

Com relação à técnica utilizada, é correto afirmar que:

- (A) foram utilizadas enzimas de restrição no DNA da planta.
- (B) algumas bactérias têm capacidade de transferir parte de seu material genético para o genoma de determinadas plantas.
- (C) somente as plantas não infectadas por bactérias se tornaram resistentes ao herbicida.
- (D) o plasmídeo corresponde à porção de DNA cromossômico das bactérias.
- (E) ao contrário das bactérias, os vírus nunca são utilizados para introduzir genes em células no processo de formação de organismos transgênicos.

5

Marque a afirmativa **incorreta** sobre estruturas celulares.

- (A) Citoesqueleto é uma rede de moléculas protéicas que confere forma à célula, ancora outras estruturas celulares e está envolvido no movimento celular. Ele pode ser de três tipos: microtubulos, filamentos de actina e filamentos intemediários.
- (B) Cloroplastos, vacúolos e parede celular são estruturas exclusivas das células vegetais.
- (C) Mitocôndrias e cloroplastos são estruturas que apresentam duas membranas, ribossomos e DNA.
- (D) O reticulo endoplasmático rugoso apresenta ribossomos aderidos a sua superfície e tem um papel importante na síntese de proteínas.
- (E) A membrana plasmática é uma bicamada lipídica que tem a função de controlar a entrada e a saída de substâncias da célula, bem como de atuar no reconhecimento e sinalização celular.

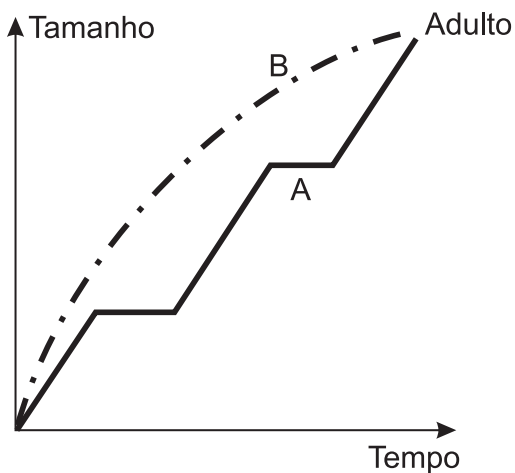
6

Ecologia é a ciência que estuda as relações dos seres vivos com o ambiente e entre si. Sobre a ecologia, está **incorreto** afirmar que:

- (A) nicho ecológico é sinônimo de habitat.
- (B) os níveis tróficos representam as relações energéticas entre os organismos de uma comunidade.
- (C) sucessão ecológica é a mudança da(s) comunidade(s) ao longo do tempo.
- (D) população é um conjunto de indivíduos da mesma espécie num determinado local.
- (E) comunidade são populações de diferentes espécies que vivem num determinado local.

7

O gráfico abaixo mostra uma curva (A) que representa o crescimento de um artrópode e uma curva (B) que representa o crescimento de outros animais.



Com relação ao crescimento do corpo dos artrópodes, podemos afirmar que:

- (A) é contínuo e acompanha o crescimento do exoesqueleto.
- (B) ocorre durante a muda.
- (C) é contínuo e não envolve muda.
- (D) é descontínuo e ocorre um pouco antes da muda.
- (E) é descontínuo e ocorre logo após a muda.

8

Os fungos são organismos que:

- (A) realizam a reserva de carboidratos na forma de amido.
- (B) sempre apresentam o corpo constituído por uma célula (unicelulares), geralmente filamentosa, exceto as estruturas reprodutivas.
- (C) são procariontes que geralmente formam colônias.
- (D) desempenham um papel muito importante na nutrição vegetal, através das associações simbióticas com as raízes das plantas, sendo chamados micorrizas.
- (E) são autotróficos ou heterotróficos.

9

A análise de grupos sanguíneos é uma maneira simples de se esclarecer casos de paternidade duvidosa. Esse tipo de teste permite provar, em alguns casos, que determinada pessoa não pode ser o pai de uma criança, o que ocorre em apenas uma das situações abaixo:

- (A) mulher do grupo A, homem do grupo A, criança do grupo O
- (B) mulher do grupo A, homem do grupo B, criança do grupo O
- (C) mulher do grupo B, homem do grupo AB, criança do grupo O
- (D) mulher do grupo AB, homem do grupo A, criança do grupo B
- (E) mulher do grupo O, homem do grupo A, criança do grupo A

10

Durante o processo de eutrofização dos ambientes aquáticos, podem ocorrer as seguintes etapas:

- (A) contaminação da água por esgotos domésticos, proliferação de algas e de bactérias decompositoras, diminuição da concentração de oxigênio, produção de gases tóxicos.
- (B) contaminação da água por petróleo, morte de peixes, proliferação de bactérias, diminuição da concentração de oxigênio, produção de gases tóxicos.
- (C) contaminação da água por esgotos domésticos, aumento na quantidade de matéria orgânica e oferta de alimentos, aumento na concentração de oxigênio e proliferação de peixes.
- (D) contaminação da água por metais pesados, mortalidade de peixes, diminuição da concentração de oxigênio, produção de gases tóxicos.
- (E) contaminação da água pelo excesso de gás carbônico produzido por atividades humanas, aumento da acidez da água, mortalidade de peixes.

LÍNGUA ESTRANGEIRA / INGLÊS

THE INSIDE STORY

I live in the storytelling capital of the world. I tell stories for a living. You're probably familiar with many of my films, from *Rain Man* and *Batman* to *Midnight Express* to *Gorillas in the Mist* to this year's *The Kids Are All Right*.

But in four decades in the movie business, I've come to see that stories are not only for the big screen, Shakespearean plays, and John Grisham novels. I've come to see that they are far more than entertainment. They are the most effective form of human communication, more powerful than any other way of packaging information. And telling purposeful stories is certainly the most efficient means of persuasion in everyday life, the most effective way of translating ideas into action, whether you're green-lighting a \$90 million film project, motivating employees to meet an important deadline, or getting your kids through a crisis.

PowerPoint presentations may be powered by state-of-the-art technology. But reams of data rarely engage people to move them to action. Stories, on the other hand, are state-of-the-*heart* technology—they connect us to others. They provide emotional transportation, moving people to take action on your cause because they can very quickly come to psychologically identify with the characters in a narrative or share an experience—courtesy of the images evoked in the telling.

Equally important, they turn the audience/listeners into viral advocates of the proposition, whether in life or in business, by paying the story—not just the information—forward.

Stories, unlike straight-up information, can change our lives because they directly involve us, bringing us into the inner world of the protagonist. As I tell the students in one of my UCLA graduate courses, *Navigating a Narrative World*, without stories not only would we not likely have survived as a species, we couldn't understand ourselves. They provoke our memory and give us the framework for much of our understanding. They also reflect the way the brain works. While we think of stories as fluff, accessories to information, something extraneous to real work, they turn out to be the cornerstone of consciousness.

Much of what I know about narrative and its power I learned over the course of working in the entertainment industry. In the early 1980s, I was chairman of PolyGram Filmed Entertainment as well as a producer at that studio. I was pitched a movie to

finance and distribute based on a book then titled *The Execution of Charles Horman*. It told the true story of Ed Horman, Charles's father, a politically conservative American who goes to South America in search of his missing journalist son. Ed joins with his daughter-in-law Beth, who, like her husband, is politically polarized from the father, in prying through bureaucracy and dangerous government intrigue in search of their son and husband. Gradually, the father comes to realize his own government is concealing the truth.

Although the project had enlisted a great filmmaker—Oscar winner Costa Gavras (for the thriller *Z*)—I didn't find it compelling. A Latin American revolution was a tough sell for a commercial American film, along with the story of a father who had no relationship with his son and the fact that you already knew the ending: the son is dead without the father ever finding him. This story was dead on arrival as an investment.

Out of courtesy, I met with the father, who knew I was not a fan. After a few polite introductions, he nodded to some pictures of my then-teenage daughters on my bookcase. "Do you really know your children?" he asked. "Really know them?" He went on to tell me a story—that the search for his son was more a search for *who* he was than *where* he was, because he always suspected he was dead. But the journey was a revelation, not least about the many values father and son in fact shared. It was a love story, not a death story.

His telling engaged me in a unique personal way, emotionally transporting me into the search for his child, and it made me wonder whether I really knew my daughters, their values and beliefs, their hopes and dreams. If the writer could focus the film as a love story/thriller and an actor could engage those emotions and pique those questions, and the film could be executed to get critical acclaim, it really might be worth backing.

By Peter Guber

Adapted from *Psychology Today* – March 15, 2011
<http://www.psychologytoday.com/articles/201103/the-inside-story>
 Retrieved on August 15, 2011.

11

According to the first and fifth paragraphs the author of the text says that he

- (A) talks about stories in the course he teaches.
- (B) has acted in many well-known comedies.
- (C) lives in New York, the capital of the storytelling world.
- (D) makes a living in San Francisco, the storytelling capital of the world.
- (E) has collected many awards for the films he has produced.

12

When the author of the text says: "I've come to see" (line 9) he is talking about

- (A) coming to Hollywood to see stories made into films.
- (B) beginning to watch films and Shakespearean plays.
- (C) what he now understands about stories in films.
- (D) being at the film sessions in these four decades.
- (E) how the film industry has developed since its beginning.

13

In paragraph 2, "any other way of packaging information" (lines 11-12) means

- (A) analyzing information.
- (B) understanding arguments with information.
- (C) reading information on a package.
- (D) presenting information.
- (E) hiding information.

14

In paragraph 2, the author says: "And telling purposeful stories is certainly the most efficient means of persuasion in everyday life, the most effective way of translating ideas into action" (lines 12-15). In his view, stories

- (A) are a way of organizing a debate.
- (B) have the purpose of creating certainty about life.
- (C) can have an effect on what people do in everyday situations.
- (D) are limited by the fact that they have to persuade.
- (E) are a form of advertising for products.

15

Mark the answer that expresses the difference between PowerPoint presentations and stories, according to paragraph 3.

- (A) PowerPoint presentations have more art than stories do.
- (B) People feel the power of PowerPoint technology more than the power of stories.
- (C) PowerPoint presentations have new technology and stories have old technology.
- (D) Although PowerPoint presentations have the power of technology, stories have the force to engage people.
- (E) People immediately identify with technology in PowerPoint presentations, while in stories people identify with the characters.

16

In paragraph 7, the author gives several reasons for thinking that the film would not be successful. Mark the reason that the author does **NOT** mention.

- (A) The theme of a South American revolution would not appeal to audiences.
- (B) American audiences expect to see stories of Latin American revolutions that fail.
- (C) The story of a father that hardly knew his son would not interest an audience.
- (D) Audiences expect a father to find his son if he goes on a long search for him.
- (E) Stories are not appealing when they have a familiar ending.

17

During the meeting with the father, the author became convinced that doing the film was a good idea. Mark the answer that corresponds most closely to the reason for the author changing his mind, according to paragraph 9.

- (A) The author became personally involved in the search for the boy.
- (B) He realized he could make an exciting love story with a well-known actor.
- (C) The author's daughters could tell the film writer about their own search for values.
- (D) He knew that writers would be able to challenge the questions about family searches.
- (E) He thought that an actor might be able to make audiences feel the emotions of the father's search.

18

Mark the **CORRECT** statement concerning the meanings of the words extracted from the text.

- (A) "reams" in "reams of data" (line 20) could be substituted by "large quantities of".
- (B) The word "advocates" (line 30) tells us that the audience becomes lawyers.
- (C) "provoke" in "they provoke our memory" (lines 39-40) gives an idea of very aggressive feelings.
- (D) The word "extraneous" (line 43) means being directly connected with something.
- (E) In "a book then titled" (line 50) the word "then" means "afterward".

19

Check the **CORRECT** statement concerning reference.

- (A) In "because they can very quickly come to psychologically identify with" (lines 25-26) the pronoun "they" refers to stories.
- (B) In "Equally important, they turn the audience/listeners into" (lines 29-30), the pronoun "they" refers to people.
- (C) In "It told the true story" (line 51), "It" refers to the movie.
- (D) In "This story was dead on arrival" (line 67) the pronoun "This" refers to the story that the father tells.
- (E) In "His telling" (line 80), "His" refers to the son.

20

Mark the **INCORRECT** option concerning the statements, based on the text.

- (A) In "they are far more than entertainment" (lines 9-10), "far" means "much".
- (B) The expression "not only would we not likely have survived as a species" (lines 37-38) means that it is not probable that we would have survived.
- (C) In "While we think of stories" (line 42), "while" could be substituted by "although".
- (D) The phrase "Out of courtesy" (line 69) suggests that the author wanted to be polite.
- (E) The phrase "not least about the many values" (lines 77-78) means that the father and son's values were not important.

LÍNGUA ESTRANGEIRA / FRANCÊS

La visite des OVNI's

L'Air Force chinoise a admis le 25 octobre 2010, que des pilotes d'avions F6 avaient poursuivi deux OVNI's mais qu'ils furent incapables de les suivre sur une longue distance. Les pilotes ont eu une bonne
5 vision des objets et ont été capables de les décrire avec détails.

Cette poursuite a eu lieu en 1998.

Un scientifique réputé de l'aéronautique et un major général ont été les témoins de cet événement.
10 Il a été traqué par les tours de contrôle de l'aéroport et vu par des centaines de salariés.

Au début, les pilotes et le personnel au sol ont vu les OVNI's comme des lumières dans le ciel. Mais en se rapprochant, ils ont été décrits comme des "boules de feu rougeoyantes" façonnées comme des "chapeaux de paille" ou des "champignons".
15 "Le dessus courbé, le dessous plat, des rangées de lumières en-dessous, un faisceau vers le bas, une lumière rouge sur les bords, le tout façonné comme un gros chapeau de paille" a précisé un pilote.
20

Les pilotes sont montés à 12 000 pieds et les OVNI's montèrent alors à 20 000 pieds, puis disparurent de vue et du radar de l'aéroport. La même scène s'est reproduite au-dessus d'une autre base de
25 l'Air Force chinoise quelques jours plus tard...

Source: <http://news.sohu.com/20101025/n276370640.shtml>

Le fait qu'un phénomène dépasse les explications rationnelles et outrepassa nos conceptions de la réalité ne devrait pas nous permettre d'ignorer son existence
30 ou nous empêcher d'explorer ses dimensions et sa signification. (Citation de John E. Mack)

<http://ovni-enlevements.forumchti.com/f19-actualite-ovni-extraterrestre-revue-de-presse-articles-faits-divers-etc>

11

L'Air Force chinoise confirme l'apparition sur son territoire de ... ovnis.

- (A) quelques
- (B) cinq
- (C) trois
- (D) dix
- (E) plusieurs

12

Ces objets non identifiés ont pu être vus ...

- (A) rapidement.
- (B) sans détails.
- (C) en un clin d'œil.
- (D) avec des jumelles.
- (E) d'une manière détaillée.

13

Pour admettre le fait de la poursuite aux soucoupes volantes, l'Air Force chinoise a mis ...

- (A) 0 ans.
- (B) 2 ans.
- (C) 5 ans.
- (D) 10 ans.
- (E) 12 ans.

14

Les pilotes ... les ovnis.

- (A) ont attaqué
- (B) n'ont pas vu
- (C) ont poursuivi
- (D) n'ont pas décrit
- (E) n'ont pas pu contacter

15

Comme témoins de cet événement nous **ne** pouvons **pas** citer ...

- (A) des pilotes.
- (B) des centaines de salariés.
- (C) un majeur et un scientifique.
- (D) le personnel de la tour de contrôle.
- (E) John E. Mack.

16

La seule option qui **ne** correspond **pas** aux descriptions des ovnis faites par les pilotes et le personnel au sol est ...

- (A) petite soucoupe volante.
- (B) chapeaux de paille.
- (C) lumières dans le ciel.
- (D) champignons.
- (E) boules de feu.

17

Les ovnis ...

- (A) ont disparu de vue une demi-heure après.
- (B) ont traqué les avions.
- (C) ont appelé les pilotes par la radio.
- (D) sont montés plus haut que les F6.
- (E) sont allés plus lentement que les avions.

18

En Chine, ...

- (A) le radar de la base militaire a pu suivre un groupe d'ovnis, quelques jours plus tard.
- (B) quelques jours après, des ovnis sont apparus dans une autre base militaire.
- (C) les mêmes ovnis sont venus visiter une autre ville de salariés.
- (D) deux ovnis sont tombés dans une base militaire.
- (E) on n'a plus jamais vu des ovnis en Chine.

19

Une citation, c'est ...

- (A) un passage cité d'un auteur.
- (B) un inventaire périodique.
- (C) une maxime générale.
- (D) un proverbe chinois.
- (E) un résumé bien fait.

20

Le texte termine avec une citation de John E. Mack qui nous invite a ...

- (A) ne pas ignorer l'existence des ovnis.
- (B) ouvrir notre coeur aux habitants d'autres planètes.
- (C) accepter une nouvelle réalité n'importe qu'elle soit.
- (D) ne pas fermer les yeux à ce que nous ne connaissons pas.
- (E) ne pas penser aux choses qui dépassent nos connaissances.

LÍNGUA ESTRANGEIRA / ESPANHOL

La "terapia del tren": un insólito método para intentar curar enfermedades

Es practicada en Indonesia por personas aquejadas de reumatismo, escoliosis y artritis, entre otros males.

Por Paula Regueira Leal, EFE
02 de agosto de 2011.

YAKARTA.- Oleadas de indonesios persiguen su cura con la "terapia del tren", método peligroso que consiste en sentarse entre las vías del ferrocarril y agarrar con las manos los rieles para que el cuerpo
5 reciba la corriente eléctrica que creen saludable. Estos indonesios aquejados de reumatismo, escoliosis, artritis, hipertensión, insomnio y otras dolencias, creen que la supuesta energía eléctrica que aseguran transcurre por las vías, tiene efectos curativos.

10 Nadie sabe con certeza quién fue el promotor e impulsor de esta extraña manera de arriesgar la vida, pero lo cierto es que a diario antes del atardecer y desde hace más de un año, decenas de personas se sientan entre los rieles próximos a la estación
15 de Cengkaren, en el arrabal metropolitano de Rawa Buaya, para probar si mejoran de sus males. Las habladurías han hecho tan popular la estación que hasta ésta viajan enfermos procedentes de muchos rincones de la isla de Java, incluso desde los más
20 apartados. Uno de los practicantes habituales de este método que se identifica como Subiarsa, de 43 años, asegura que la "terapia del tren" le ha curado los dolores que sufría en una de sus piernas.

25 "La gente viene aquí a aliviar muchos males: diabetes, dolores musculares, migraña...", apunta convencido Subiarsa, quien cree que "las descargas de electricidad mejoran cualquier achaque".

Aquellos que confían en el supuesto poder curativo del método ferroviario tampoco saben explicar
30 el motivo por el que la estación de Cengkareng se ha convertido en centro de peregrinaje, aunque alguno apunta que no ha sido escogida por sus propiedades únicas, sino por el hecho de que por ésta pasan pocos trenes. Los incrédulos atribuyen este fenómeno a la
35 desesperación y culpan a las autoridades de que los indonesios más pobres recurran a estos métodos sin base científica para buscar algún alivio a sus dolencias. Dwinanto Negroho, un profesor oriundo de Yakarta, considera que "estos métodos son absurdos,
40 en realidad, una bofetada para el Gobierno". "La sanidad es tan cara que la gente tiene que ingeniar nuevas fórmulas con las que intentar curarse", señala Negroho.

Mientras aumenta el flujo de personas que se aferran a los rieles de Cengkareng, las autoridades claman que han advertido hasta la saciedad y sin ningún éxito de que sentarse en las vías es peligroso y de que además no es una terapia curativa. El jefe de estación de Cengkareng, Suari, afirma que la afluencia hasta esos tramos de la vía férrea de personas que han oído hablar de sus propiedades, tiene prácticamente desbordados a los empleados. “Cada día varios funcionarios se acercan a las vías del tren para explicar a la gente los peligros que afrontan y advertir de que, además, lo que hacen contraviene la ley”, explica el jefe de la estación. La última normativa de la red estatal de ferrocarriles indonesios y aprobada hace unos cuatro años establece que nadie puede utilizar las vías del tren para fines que no sean de transporte. Pero la gente hace oídos sordos a los avisos y regresa, algunos casi a diario, para pasar el rato o para sentarse entre los raíles a su paso por esta barriada, que a raíz del fenómeno dicen que se ha tornado mucho más animada.

La Policía, ocupada con otros menesteres, alega que se trata de un problema social que nada tiene que ver con la seguridad pública, aunque los agentes de patrulla observan sin alterarse como algunas personas se tumban entre las vías para probar la terapia. En un improvisado ambulatorio que sirve también de almacén, han amontonado almohadas que emplean para seguir una terapia de una forma algo más confortable, paraguas con los que resguardarse de la lluvia o de los ardientes rayos de sol y cubos con agua, utilizados por aquellos que creen que mojando el espacio elegido conseguirán que por su cuerpo pase más corriente eléctrica.

La “terapia del tren” es uno de los absurdos métodos para aliviar dolores a los que recurre la sociedad indonesia más desfavorecida, por lo general con alto nivel de ignorancia. Unos practican el “kerokan”, que consiste en frotar monedas en la espalda para combatir la gripe, o el “jamu”, pócimas que dicen sanan las dolencias físicas. Indonesia, donde no toda la población puede acceder al sistema público sanitario, gasta el 2,5 de su Producto Interior Bruto en Sanidad, con lo que es uno de los países del mundo que menos invierte en la salud de su población, según datos de la Organización Mundial de la Salud (OMS).

11

Señala el apartado que sintetiza el tema del artículo:

- (A) Los indonesios creen que viajar en tren los ayuda a curarse de enfermedades como el reumatismo, los dolores musculares y la migraña.
- (B) La estación de Cengkareng se ha convertido en un popular centro de peregrinaje debido a la gran cantidad de trenes que posee y a la calidad de su servicio.
- (C) Se reproduce entre los indonesios pobres la creencia de que recibir descargas eléctricas a través de los rieles del tren es un tratamiento de cura.
- (D) La “terapia del tren” es un nuevo y efectivo tratamiento de salud que cuenta con el apoyo y la aprobación de toda la población indonesia. Su difusión aumenta de forma rápida por todo el país.
- (E) El “kerokan” y el “Jamu” son tratamientos mucho más eficaces que “la terapia del tren”.

12

Señale la alternativa en que la palabra entre paréntesis **NO** define correctamente la palabra subrayada.

- (A) en el arrabal metropolitano de Rawa Buaya - líneas 15-16 (periferia)
- (B) Las habladurías han hecho tan popular - líneas 16-17 (rumores)
- (C) de muchos rincones de la isla de Java - líneas 18-19 (sitios)
- (D) paraguas con los que resguardarse - líneas 73-74 (impermeable)
- (E) una bofetada para el Gobierno - línea 40 (golpe en la mejilla)

13

Lea las afirmaciones que siguen.

- I - No existe ninguna ley o normativa que prohíba a los indonesios usar las vías de tren como tratamiento médico.
- II - Los agentes de la policía advierten a los indonesios sobre los peligros y riesgos de la “terapia del tren” en las estaciones.
- III - Los indonesios ignoran todo tipo de advertencia y continúan yendo a las estaciones de tren.

Llevando en cuenta lo que se dice en el texto, son verdaderas:

- (A) sólo III.
- (B) sólo I
- (C) sólo II
- (D) ninguna.
- (E) I, II y III.

14

El objetivo del artículo es:

- (A) criticar a la Policía por su indiferencia y falta de acción.
- (B) promover métodos alternativos de cura usados por los sectores más humildes.
- (C) informar sobre la aparición de una práctica insegura y absurda que se reproduce hace más de un año.
- (D) analizar la situación del sistema público de salud en Indonesia.
- (E) defender “la terapia del tren” contra quienes todavía se muestran escépticos.

15

Marque la única alternativa donde la correspondencia semántica **NO** es correcta

(A)	hasta ésta viajan <u>enfermos</u> (línea 18)	Personas en malas condiciones de salud.
(B)	han amontonado <u>almohadas</u> (líneas 71-72)	Montículos de tierra.
(C)	<u>agarrar</u> con las manos (línea 4)	Tomar, coger o asir fuertemente.
(D)	<u>Oleadas</u> de indonesios (línea 1)	Movimiento impetuoso de gente.
(E)	para <u>pasar el rato</u> (línea 62)	Distraerse, entretenerse

16

Señale cuál de las expresiones **en negrita** introduce la idea de simultaneidad:

- (A) “ **aunque** alguno apunta que no ha sido escogida por sus propiedades únicas” (líneas 31-33)
- (B) “ **Pero** la gente hace oídos sordos a los avisos y regresa” (líneas 60-61)
- (C) “insomnio **y** otras dolencias” (línea 7)
- (D) “ **incluso** desde los más apartados” (líneas 19-20)
- (E) “ **Mientras** aumenta el flujo de personas que se aferran a los rieles de Cengkareng” (líneas 44-45)

17

En el fragmento “Uno de los practicantes habituales de este método que se identifica como Subiarsa, de 43 años, asegura que la ‘terapia del tren’ **le** ha curado los dolores que sufría” (líneas 20-23) el pronombre “**le**” se refiere:

- (A) al tren
- (B) a la terapia
- (C) al dolor
- (D) a Subiarsa
- (E) al método

18

En el fragmento “Cengkareng **se ha convertido** en centro de peregrinaje” (líneas 30-31) el verbo está conjugado en Pretérito Perfecto del indicativo. Esto quiere decir:

- (A) que se trata de una acción pasada completada y acabada en tiempo pasado.
- (B) que se trata de una acción presente y actual.
- (C) que se trata de una acción habitual en pasado.
- (D) que se trata de una acción pasada anterior a otra acción también pasada.
- (E) que se trata de una acción pasada que se prolonga hasta el presente.

19

En el fragmento “varios funcionarios se acercan a las vías del tren” (líneas 53-54) el verbo “acercarse” podría reemplazarse por:

- (A) se aproximan
- (B) se distancian
- (C) se aíslan
- (D) se ausentan
- (E) se alejan

20

En el último párrafo la autora concluye el texto con datos que explican la causa principal de la “terapia del tren”. Según su punto de vista, la responsabilidad última recae sobre:

- (A) la población más desfavorecida de Indonesia.
- (B) el Producto Interior Bruto.
- (C) la Organización Mundial de la Salud.
- (D) el gobierno de Indonesia.
- (E) los países del mundo.

PROVA DISCURSIVA

PORTUGUÊS E LITERATURA BRASILEIRA

Texto 1

O fígado indiscreto

Inácio era o rei dos acanhados. Pelas coisas mínimas, avermelhava, saía fora de si e permanecia largo tempo idiotizado.

O progresso do seu namoro foi, como era natural, menos obra sua que da menina, e da família de ambos, tacitamente concertadas numa conspiração contra o celibato do futuro bacharel. Uma das manobras constou do convite que ele recebeu para jantar nos Lemos, em certo dia de aniversário familiar comemorado a peru.

Inácio barbeou-se, laçou a mais famosa gravata, floriu de orquídeas a botoeira, friccionou os cabelos com loção de violetas e lá foi, de roupa nova, lindo como se saíra da forma naquela hora. Levou consigo, entretanto, para seu mal, o acanhamento. - e daí proveio a catástrofe...

Havia mais moças na sala, afora a eleita, e caras estranhas, vagamente suas conhecidas, que o olhavam com a benévola curiosidade a que faz jus a um possível futuro parente.

Inácio, de natural mal firme nas estribeiras, sentiu-se já de começo, um tanto desmontado com o papel de galã à força, que lhe atribuíam. Uma das moças, criaturinha de requintada malícia, muito “saída” e “semostradeira”, interpelou-o sobre coisas do coração, ideias relativas ao casamento e também sobre a “noivinha” - tudo com meias palavras intencionais, sublinhadas de piscadelas para a direita e a esquerda.

Inácio avermelhou e tartamudeou palavras desconchavadas, enquanto o diabrete maliciosamente insistia: Quando os doces, Sr. Inácio?

Respostas mascadas, gaguejadas, inéptas foram o que saiu de dentro do moço, incapaz de réplicas jeitosas sempre que ouvia risos femininos em redor de si. Salvou-o a ida para a mesa.

Lá, enquanto engoliam a sopa, teve tempo de voltar a si e arrefecer as orelhas. Mas não demorou muito no equilíbrio. A culpa aqui foi da dona da casa. Serviu-lhe dona Luiza, um bife de fígado sem consulta prévia. Esquisitice dos Lemos: comiam-se fígados naquela casa até nos dias mais solenes. Esquisitice do Inácio: nasceu com a estranha idiossincrasia de não poder sequer ouvir falar em fígado - seu estômago, seu esôfago e talvez seu próprio fígado tinham pela víscera biliar uma figadal aversão. E não insistisse ele em contrariá-los: amotinavam-se repelindo indecorosamente o pedaço ingerido.

Nesse dia, mal dona Luiza o serviu, Inácio avermelhou de novo, e novamente saiu fora de si. Viu-se só, desamparado e inerme ante um problema de inadiável solução. Sentiu lá dentro o motim das vísceras; sentiu o estômago, encrespado de cólera, exigir, com império, respeito às suas antipatias. Inácio parlamentou com o órgão digestivo. Mostrou-lhe que mau momento era aquele para uma guerra intestina. Tentou acalmá-lo a goles de Clarete, jurando eterna abstenção para o futuro. Pobre Inácio! A porejar suor nas asas do nariz, chamou a postos o heroísmo, evocou todos os martírios sofridos pelos cristãos na era romana e os padecidos na era cristã pelos heréticos; contou um, dois e três e glup! Engoliu meio fígado sem mastigar. Um gole precipitado de vinho rebateu o empache. E Inácio ficou a esperar, de olhos arregalados, a revolução intestina.

[...]

LOBATO, Monteiro. “O fígado indiscreto”. In: *Cidades mortas* (1919). 14^a ed. São Paulo: Brasiliense, 1972; pp. 58-62.

Questão nº 1 (valor: 2,0 pontos)

- a) Em “O fígado indiscreto”, a imagem construída de Inácio revela uma enorme timidez, que impõe limitações às ações do personagem. Justifique essa afirmativa, relacionando-a ao principal episódio narrado no texto. Inicie a resposta por **O fato de**.

O fato de _____

- b) Transcreva do texto a passagem que insinua a falta de iniciativa de Inácio para estabelecer seu relacionamento amoroso.

- c) Em “*Esquisitice dos Lemos: comiam-se fígados naquela casa até nos dias mais solenes.*”, identifique a palavra que reforça a estranheza do narrador sobre o hábito da família.

- d) Substituindo o verbo constar por referir-se, como ficará a frase “*Uma das manobras constou do convite que ele recebeu para jantar nos Lemos.*”?

Texto 2

Arte culinária

[...]

Para saber comer, é preciso não ter fome. Quem tem fome não saboreia, engole. Ora, desde que o enfarruscador ofício de temperar panelas se enfeitou com o nome de *arte culinária*, temos uma certa obrigação de cortesia para com ele. E concordemos que é uma arte pródiga e fértil. Cada dia surge um pratinho novo com mil composições extravagantes, que espantam as *menagères* pobres e deleitam os cozinheiros da raça! Dão-se nomes literários, designações delicadas, procuradas com esforço, para condizer com a raridade do acepipe. Os temperos banais, das velhas cozinhas burguesas, vão-se perdendo na sombra dos tempos. Falar em alhos, salsa, vinagre, cebola verde, hortelã ou coentro, arrepia a cabeluda epiderme dos mestres dos fogões atuais. Agora em todas as despensas devem brilhar rótulos estrangeiros de conservas assassinas, e alcaparras, trutas, manteiga dinamarquesa (o toucinho passou a ser ignominioso), vinho Madeira para adubo do filet, enfim tudo o que houver de mais apurado, cheiroso e... caro!

As exigências crescem, ameaçam-nos e, sem paradoxo, somos comidos pelo que comemos. Isto vem a propósito de uma exposição de arte culinária que se fez, há pouco tempo, em Paris. Imaginem como aquilo deve ser encantador e apetitoso!

Quem já viu as vitrines das *charcuteries*, das *crémeries*, das confeitarias, etc., e que sabe com quanto mimo e elegância são expostos os queijos, os paios e os pastéis, entre *bouquets* de lilases e fofos caixões de papéis de seda bem combinados, crespos e leves como plumas, imagina que de novidades graciosas se juntarão no Palácio da Indústria.

Naturalmente, cada expositor é um arquiteto e um artista na combinação das cores. Fazem-se castelos de biscoitos, torres engenhosas de chocolate, de creme, de morangos, onde tremulem, em cristalizações policromas, as gelatinas de frutas ou de aves, refletindo luzes entre lacinhos de fita e flores frescas, porque o francês tem a preocupação gentilíssima de deleitar sempre os olhos alheios. [...]

Um país como o Brasil tão vasto e variado não teria proporções mais curiosas para realizar uma exposição neste gênero? Só de frutas, que, tratando-se da mesa, tem todo o lugar, e de doces... imaginem: fariamos um figurão! Geralmente caluniam-se as frutas brasileiras e parece-me tempo de lhes irmos dando a merecida importância. Não há nenhum brasileiro que conheça todas as frutas do seu país. O europeu desdenha-nos nesse sentido; esquece-se de que em muitos lugares do Paraná, Minas e Rio Grande desenvolvem-se peras magníficas, damascos, cerejas, nozes, etc. E as frutas e as hortaliças indígenas? Inumeráveis! O que falta à nossa *gourmandise* é poder agrupá-las, poder escolher, na mesma terra, estas ou aquelas, e isso só se poderá fazer se houver aqui, algum dia, como agora em Paris, quem dê importância à mesa, e procure, por meio de exposições, facilitar esse ramo de comércio, educar o povo, e dar-lhe um elemento novo de prazer e de saúde.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Livro das donas e donzelas* (1906). <http://www.biblio.com.br/> Adaptado.

Texto 3

Catar feijão

Catar feijão se limita com escrever:
jogam-se os grãos na água do alguidar
e as palavras na da folha de papel;
e depois, joga-se fora o que boiar.
Certo, toda palavra boiará no papel,
água congelada, por chumbo seu verbo:
pois para catar esse feijão, soprar nele,
e jogar fora o leve e oco, palha e eco.

2.

Ora, nesse catar feijão entra um risco:
o de que entre os grãos pesados entre
um grão qualquer, pedra ou indigesto,
um grão imastigável, de quebrar dente.
Certo não, quando ao catar palavras:
a pedra dá à frase seu grão mais vivo:
obstrui a leitura fluviente, flutual,
açula a atenção, isca-a como o risco.

MELO NETO, João Cabral de. *Obra Completa*.
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994; pp. 346-347.

Questão nº 3 (valor: 2,0 pontos)

a) No terceiro verso da primeira estrofe do poema de João Cabral de Melo Neto, há uma construção com um termo elíptico.

i) Identifique o termo que foi omitido;

RASCUNHO

ii) Explique o efeito que tal omissão confere ao poema.

RASCUNHO

b) Explique por que a forma “entre” constitui duas palavras distintas em “o de que entre os grãos pesados entre”.

RASCUNHO

Questão nº 4 (valor: 2,0 pontos)

a) Comente, utilizando as suas próprias palavras, a presença da metapoética no texto 3, destacando a importância de seu uso como procedimento autorreflexivo na tradição da modernidade.

RASCUNHO

b) Determine a figura de linguagem presente no seguinte verso: “a pedra dá à frase seu grão mais vivo”.

RASCUNHO

b) Determine três aspectos presentes na concepção formal de "Comida".

RASCUNHO



REDAÇÃO

As refeições em grupo contribuem para estreitar laços de intimidade entre as pessoas uma vez que mexem com os sentidos, as necessidades, os desejos e as emoções humanas. Por isso, degustar comidas de países com tradições culinárias diferentes das nossas pode nos fazer compreender histórias, partilhar vivências e usufruir de experiências bastante enriquecedoras. Os hábitos alimentares dos povos revelam sua cultura e seu grau de abertura para tradições distintas das suas. As facilidades de comunicação e de deslocamentos, provenientes das inovações tecnológicas do século XX, fizeram com que larga diversidade de hábitos e sistemas de alimentação se difundisse pelo mundo. No entanto, ainda há muitos tabus (proibições) e preconceitos alimentares – que dizem respeito a intolerâncias voltadas a aspectos sensoriais (cor, odor, sabor) e culturais (preparo culinário e tipo de alimento consumido) –, contribuindo para a separação entre os povos.

Produza um **texto dissertativo-argumentativo** – com cerca de 25 linhas e título sugestivo –, discorrendo sobre **tabus e preconceitos alimentares**.

A seleção de fragmentos de artigos a seguir tem por objetivo ajudá-lo a desenvolver suas próprias ideias acerca do assunto. Alguns desses textos – assim como os demais constantes desta prova – podem ser reproduzidos, em parte, na sua redação, mas em forma de **DISCURSO INDIRETO** ou de **PARÁFRASE**, com as **devidas fontes mencionadas** na redação. **NÃO ASSINE**.

Texto 1

Filhos de Angelina Jolie comem grilos na refeição

21/07/2011

Grilos estão entre as refeições preferidas dos filhos de Angelina Jolie e Brad Pitt. “Meus garotos amam comer grilos fritos. É a comida favorita deles. A primeira vez que eu dei esse tipo de comida a eles foi porque eu não queria que eles sentissem repulsa de algo que faz parte de sua cultura. Eles comeram como Doritos e não pararam mais”, declarou a atriz. Maddox e Pax, filhos adotivos de Jolie, nasceram no Camboja e Vietnã, respectivamente. Nesses países, faz parte da tradição comer insetos. Angelina - que cria outros quatro filhos com o parceiro Brad Pitt – também diz já ter experimentado alguns pratos locais exóticos, entre eles um que leva baratas, mas, mesmo assim, há algumas iguarias que ela ainda não criou coragem para comer: “Eu quero experimentar tarântulas no palito e sopa de aranha. Não sei se eu tenho estômago, mas acho que você tem que conhecer de perto tudo o que o mundo lhe oferece”.

Texto adaptado de <http://ne10.uol.com.br/canal/cultura/noticia/2011/07/21/filhos-de-angelina-jolie-comem-grilos-na-refeicao-285055.php> e <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:oVBNW0v8jQYJ:www.pop.com.br/mundopop/noticias/celebridades/>

Texto 2

Tabus alimentares

Gabriel Bolaffi

Todos nós, em graus variáveis, temos lá nossos tabus alimentares, tão arraigados que, muitas vezes, nem nos damos conta deles. Aparentemente, ninguém, em nossa cultura, tem hábito de comer minhocas, abelhas, baratas, cães, gatos ou gafanhotos, embora saiba de muitas culturas da Amazônia, nas quais a minhoca é iguaria reservada às mulheres grávidas. [...] pelo interior do Brasil, come-se carne de jacaré, cobra, paca, tatu e até cotia. Hoje os restaurantes japoneses se tornaram populares com seus sushis e sashimis, mas houve estranhamento em relação a tais acepipes quando, inicialmente, ouviu-se falar deles: “Peixe cru!?” [...] Mas qual será a origem de tantos tabus e preconceitos alimentares? A explicação mais óbvia para os tabus é a maior familiaridade que temos com determinado alimento. Indivíduos medianos, especialmente crianças, não gostam de alimentos aos quais não estejam acostumados. [...]

Fragmento adaptado do livro *A saga da comida: receitas e história* (Rio de Janeiro: Record, 2000; p. 291-292).

Texto 3

Salada de frutas
Luís da Câmara Cascudo

O consumo de salada de frutas é quase contemporâneo em nosso país. Até o século XIX, ninguém ousaria afrontar o tabu, servindo-se de várias frutas ao mesmo tempo – respeito apavorante por uma proibição de caráter centenário sob imposição doméstica. As populações repeliam a ideia sinistra da salada de frutas. A manga causava susto quando avistada no meio das outras frutas. Ninguém admitia a possibilidade de não ser veneno implacável a reunião da laranja, mamão, abacaxi, etc., mesmo com o açúcar, que era contraveneno clássico. [...] Os próprios médicos desaconselhavam, discretamente. Depois de 1914, porém, o hábito começou, lentamente, a se espalhar no Brasil. A propaganda pela persuasão, no entanto, operou muito vagorosamente, vencendo por força da experiência e da repetição. A inclusão da salada de frutas gelada nos menus de hotéis e restaurantes demorou mais um pouco. Ainda não era comum no Rio de Janeiro de 1922, Centenário da Independência, aparecendo somente em certas casas de famílias [...] com atrevido espírito reformador.

Texto adaptado do 2^o volume da *História da alimentação no Brasil* (Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1983; p. 556-557), de L. da Câmara Cascudo (1898-1986).

Texto 4

Educação nutricional
Rejane Andréa Ramalho e Cláudia Saunders

Tanto o ato da busca de alimentos – que inclui escolha e consumo – como as proibições do uso de certas substâncias comestíveis, em todos os grupos sociais, são ditados por regras sociais diversas, carregadas de significados. O alimento constitui uma linguagem – algo com significado cognitivo. Ademais, o comer não satisfaz apenas a necessidade biológica, mas preenche também funções simbólicas e sociais. A comensalidade – camaradagem à mesa – permeia todas as relações sociais de diferentes classes de uma mesma sociedade, apresentando sempre uma dimensão cultural.

Fragmento adaptado do artigo “O papel da educação nutricional no combate às carências nutricionais”, de Rejane Andréa Ramalho e Cláudia Saunders. In: *Revista de Nutrição*. Campinas, 13 (1): 11-16, jan./abr. 2000; p. 11.